

os de dar a todos a abundância de tudo, sem necessidade de sacrifícios para os que já possuem, sem pedir a ninguém que se despoje do seu; e, no entanto, continua a alastrar uma miséria horrível; a haver pais que matam os filhos, e que depois se suicidam, por não terem com que os alimentar; continua-se, por toda parte, a destruir alimentos em quantidades imensas; a forçar os agricultores a não produzirem; a compelir os pescadores a diminuírem a pesca; a obrigar as fábricas a laborar lentamente... Ora, tudo isto é remediável, — e de maneira pacífica, de maneira fraterna, de maneira cristã... Portanto, meus irmãos católicos, vamos nós modificar o nosso regime económico, de modo que termine esta situação infernal. A ninguém peço que se despoje para o dar aos pobres, *como manda esse Cristo que descobristes*, porque não é preciso: não é preciso que se despoje ninguém. Basta que se não destrua o que se produziu; que se não restrinja propositadamente a nossa capacidade de produzir

alimentos; que se adoptem enfim os *princípios cristãos* nos processos sociais de distribuir as coisas. ¿Vamos à obra, meus irmãos católicos? »

Repare-se: segundo o depoimento do próprio irmão católico, não diz estas cousas um estouvado qualquer, um ignorante, um estúpido; di-las aquêle mesmo estudioso verídico a quem se chama «fulgurante cérebro», por quem se tem «a maior veneração intelectual». E ¿que fazem os homens que descobriram Cristo, ante o apêlo do homem que o *não* descobriu? ¿Embrenham-se na obra de redenção do próximo, para que os estamos chamando? — Não: encetam comigo uma argumentação teológica, uma discussão sôbre a fé... Ora, enquanto os fiéis procederem assim, ¿que esperança podem ter de que se converta o incréu? O facto de inspirar controversistas — não é para mim uma prova suficiente da divindade de uma religião.

ANTÔNIO SÉRGIO



factos e documentos

(Continuação da página 202)

assimilar nas minhas leituras em livros os mais diversos e em revistas como a *Seara Nova*, *O Diabo*, *Sol Nascente*, *Pensamento*, etc., etc. Julgo-me, portanto, no número dos não-iniciados, e acho do meu dever responder às interrogações de V. Ex.^a.

«Li sempre com a máxima atenção — com aquela atenção com que, julgo, o fazem todos aquêles que, à força de muita vontade e amor pelo saber, conseguiram sair do círculo perigosíssimo do semi-analfabetismo — os artigos do Sr. Dr. Abel Salazar, publicados em o *Diabo*. Confesso que fiquei contentíssimo quando li os primeiros artigos, pois julguei que ia ter realização um dos meus maiores anseios: o de *entrar* um pouquinho no movimento científico e filosófico contemporâneo. Deram-me essa esperança as seguintes palavras do Sr. Dr. Abel Salazar: «*é porventura possível dar ao público de O Diabo uma idea clara do movimento filosófico contemporâneo, sabendo-se que para bem o compreender é necessário abordar problemas difíceis da ciencia moderna, e entre êles, a Relatividade de Einstein?* »

«*Apoiando-me em autoridades de primeira ordem, como Hans Reichenbach, Moritz Schlick, Emile Borel e outros, posso dar ao leitor uma resposta afirmativa.* »

«E mais estas:

«*Em suma, leitor, não é tarefa impossível, para qualquer pessoa (o sublinhado é meu), vir pôr-se ao facto das modernas concepções científicas e filosóficas;* » etc.

«Devo, porém, confessar, que sofri a mais tremenda das desilusões, pois, exceptuando um ou outro período mais acessível, pouca coisa percebi dos artigos do Sr. Dr. Abel Salazar. Períodos há — e aquêles que V. Ex.^a dá para exemplo na última *Seara* são dêsses — dos quais não sou capaz de perceber nada. De-facto, ¿que sei eu de geometria euclidiana, teorema de Pitágoras, Espaço-

-Tempo? Que sei eu dos sinais: « $L_2 = c_2 T_2 - D_2$, em que c T é a distância-tempo e D a distância-espaço», etc., etc.

«É certo que sou um operário inculto que nem ao menos possui o exame de instrução primária (¿pois não foi também para os leitores nas minhas condições que o Dr. Abel Salazar escreveu?), mas tenho lido muito e julgo-me portanto com o cérebro suficientemente desenvolvido para compreender qualquer coisa, desde que me seja exposta com clareza e simplicidade.

«Em minha desautorizada opinião, estou em crer que é impossível, sem uma preparação anterior — e nesse caso deixa-se de ser não-iniciado — compreender os artigos do Sr. Dr. Abel Salazar.

«Se o meu depoimento servir para alguma coisa, pode V. Ex.^a fazer dêlo o uso que quizer.

«Sem outro motivo, digne-se V. Ex.^a aceitar os protestos da minha muita consideração e simpatia.

Rodrigo de Gusmão »

PALAVRAS A ABEL SALAZAR

Meu prezado Amigo: Valha-nos Deus! Tenho feito o máximo possível para o homenagear e prestigiar; o meu Amigo, porém, põe os maiores obstáculos a esse meu intento. A medida que multiplica os seus artigos (um na *Seara*, dois no *Diabo*, e este agora no *Sol Nascente*) mais me dificulta o meu empenho. Vai de mal a pior. Ai de mim! Que lhe hei de eu fazer?

Pois ¿não vê o meu Amigo que nos não deve dar provas tão evidentes de que não tentou *perceber* o que eu escrevi, nem o que leu nos folhetinhos dos empiro-lógicos? Pois ¿não vê que é absurdo o discutir comigo, fazendo-se forte... com os folhetinhos de vulgarização das *Actualidades*

scientifiques et industrielles? Essa dos folhetitos das *Actualités* já seria bem pouco de receber numa controvérsia entre dois rapazinhos, estudantes de instrução secundária: mas jentre um professor universitário (e investigador de mérito, como o meu Amigo) e um escritor de ideas da minha idade! Pois ¿perdeu até esse ponto todo o sentimento das proporções? E ¿não vê o embaraço, a perplexidade, o ridículo, da situação em que me está colocando?

Depois de repisar estiradamente um vago rosário de considerações gerais (que não vale a pena comentar) mete-se a atacar uma frase minha, publicada há semanas na «Seara Nova», e que nada tinha com o meu Amigo. É a seguinte:

«E, sem embargo, a substância existe; algo subsiste, a-pesar-de tudo. Simplesmente, a substância não é uma coisa, mas uma idea; a substância é a lei.»

Diante deste período, como de costume, não buscou o meu Amigo entender a idea: apressou-se a empregar sem mais demora o único género de argumentação que até hoje lhe vi usar, em matéria de filosofia: buscar um livrito de vulgarização de um dos seus autores empiriológicos,—e copiar um trecho. Automaticamente, mecânicamente, sem nenhum *pensamento*, traslada um trecho de um Padre-da-Igreja (perdão: de um folhetito de um Empiro-lógico)—e está tudo feito. Ora não há!

Desta vez o folhetito é do Carnap. E por sinal, o trecho que traslada reproduz, por sua vez, o pensamento de um outro autor: o conhecidíssimo pensamento do Russell, de que o juízo predicativo é que serve de base lógica ao realismo metafísico substancialista.

Pois ¿não viu logo o meu Amigo quanto é disparatado recorrer a tal trecho para o opor àquele meu pensamento,—como se este se reduzisse, por um lado, a um juízo predicativo, e como se se ligasse, por outro lado, à metafísica substancialista? Pois ¿não viu que exactamente aquelas minhas frases... exprimem a *negação da metafísica substancialista*? Repare bem, Abel Salazar: exprimem a *negação* da metafísica substancialista, da «representação substancial da matéria»!

Suplico-lhe que busque *pensar*, meu prezado Amigo: que *pense* na coisa durante um minuto, e que durante esse minuto... esqueça os folhetos! Pois dizer, (como eu digo ali) que a única acepção admissível do vocábulo «substância» é a idea de *lei*; ou (por outras palavras) que a noção metafísica de substância (a noção de substância-coisa) deve ser substituída pela noção científica de lei, de relação constante; ou (ainda por outras) que a idea de substância se deve reduzir à idea de lei,—¿não é *banir* a noção metafísica de substância, a «representação substancial da matéria», e *destruir pela base* o substancialismo metafísico, pela eliminação da própria idea em que ele assenta, isto é, a idea da substância como ser metafísico, e não (como eu a considero) como relação pensada? ¿E é ao homem que escreveu aquilo que vem acusar de delicto de substancialismo metafísico? Mas isso é delírio, Abel Salazar! ¿Em que estava pensando quando copiou, contra esse meu trecho da «Seara Nova», aquel'outro trecho do folhetito? ¿Pois crê, realmente, que se pode fazer filosofia *sem pensar*, e limitando-se uma pessoa a copiar alguns passós sem propósito dos folhetitos de vulgarização das *Actualidades científicas e industriais*?

E depois —¿o juízo de predicação! Mas ¿onde vê ali, no meu trecho, qualquer juízo de predicação? ¿Tem o meu Amigo uma noção bem clara do que seja um juízo de predicação? Dizer que a noção metafísica da substância deve ser substituída pela noção científica da lei, e que a única coisa que subsiste é a lei —¿não é, de maneira nenhuma, enunciar um juízo de predicação!

Nas nossas línguas indo-germânicas, o uso da cópula *é*, próprio da expressão verbal dos nossos juízos de predicação, é-nos imposto *pela gramática* na expressão verbal de outros juízos, que *não* são juízos de predicação. O juízo: «o Pôrto é maior do que Braga», a-pesar-de receber uma expressão verbal em que se faz uso da cópula *é*, —*não* é um juízo de predicação; o juízo: «o chumbo é fusível a 334°», a-pesar-de assumir uma expressão verbal em que se faz uso da cópula *é*, —*não* é um juízo de predicação. E o mesmo sucede na minha frase. ¿Quem será tão distraído que suponha que *lei*, nessa frase, pode ser predicado do sujeito *substância*?

E depois, ¿pode haver nada mais estrambótico do que indicar-me a mim, António Sérgio, um trecho de quem quer que seja—contra a lógica do juízo de predicação? Muiíssimo antes de aparecer no mundo o folhetito do Carnap que o meu Amigo me cita, tinha eu deixado por vários escritos—aquí e além—ideas da mesma índole acêrca do juízo de predicação; e, se quiser ler um trecho de exposição crítica acêrca do juízo de predicação, de tese idêntica à do Carnap, mas (permita-me a vaidade) bem mais directo e bem mais claro do que aquêlo do Carnap,—queira ler as páginas da nota final do 3.º volume dos meus *Ensaíos* (2.ª edição). Leia essa nota com olhos de ver; e, se quiser ser objectivo, creio que não deixará de concordar com o que digo. Creia, meu prezado Amigo, que se meteu a ensinar o *Padre-Nosso* ao Vigário. Se fôsse com o Carnap que eu estivesse falando, as coisas correriam infinitamente melhor; e neste ponto, pelo menos, não chegaria a haver discussão entre nós.

Só mais uma nota. Russell, como todos sabem, é a principal fonte da metodologia do Empirismo-lógico. O meu Amigo, que se meteu a professor de Empirismo-lógico, tem obrigação de conhecer *directamente* o Russell,—e de o não citar, por consequência, através de um folhetito de vulgarização do Carnap.

Como seu amigo, suplico-lhe que repare no que está fazendo, e que não se obstine nesse errado processo, nessa errada atitude, nesse errado tom. O seu proceder está rehabilitando—relativamente—o Leonardo Coimbra. Ele era retórico e charlatão, sem dúvida alguma; porém (há que sermos justos) não tomou para pedras dos alherces da sua cultura de filosofia—uns simples folhetitos de vulgarização.—Seu amigo e admirador—ANTÓNIO SÉRGIO.

P. S.—No mesmo número do *Sol Nascente*, o Casais Monteiro diz-lhe coisas justíssimas sobre o *tom* dos seus artigos. Rogo-lhe que medite nelas.—A. S.

A CRIANÇA EM PORTUGAL

A *Seara Nova* segue, com uma atenção feita de simpatia, tôdas as manifestações de actividade espiritual da provincia, sempre que as não enforme esse papagueio de retórica reles, de que estamos positivamente saturados. Recebemos aqui numerosos jornais da provincia, pequenas fôlhas locais, que andam espalhando a boa semente e cuja importância é desnecessário encarecer. Entre elles a *Idea Livre*, de Anadia. Tem este simpático jornal publicado ultimamente duas séries de artigos, que merecem uma referência francamente elogiosa: a tradução do Inquérito de E. Schreiber à situação dos países escandinavicos e um estudo sobre a criança em Portugal.

Esta última série de artigos, assinada modestamente com a inicial R., que sabemos ocultar o nome dum culto advogado daquela vila da Bairrada, encerra considerações e resultados da própria experiência, que merecem uma